



AMBIGUIDADE E DESEJO: O RATO

Louisy de Limas

Que valor tem meu desejo pra ti? Questão eterna que se põe no diálogo dos amantes. [Jacques Lacan]

E vai me diz meu outro você vai finalmente me responder eu sofro a tua ausência te quero sonho com você para você contra você me responde teu nome é um perfume espalhado tua cor brilha entre os espinhos faz reviver meu coração com vinho fresco me faz uma colcha de manhas sufoco sobre essa mascara pele drenada arrastada nada existe além do desejo. [Phelipe Sollers]

O horror é o princípio do meu desejo. [Georges Bataille]

No ano de 1909, Sigmund Freud escreve “Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O Homem dos Ratos”).” Nele conta o caso de um homem atormentado por seus pensamentos obsessivos provocados pelo que ouviu certa vez de um capitão sobre uma tortura que acontecia no Oriente:

O condenado é amarrado –(ele expressou-se de modo tão pouco claro, que não pude entender logo em qual posição) — sobre o seu traseiro colocam um recipiente virado, contendo ratos que — ele novamente se ergueu e mostrava todos os sinais de horror e resistência — perfuravam. O ânus, completei. Nos momentos mais importantes da narrativa percebe-se nele uma expressão facial muito peculiar, que posso entender



apenas como de horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia. (FREUD 2013.p 26)

Ao mesmo tempo ele contraria uma dívida muito mais fantasiosa do que real, e tem medo que a tortura dos ratos aconteça com seu pai, que já estava morto a tempo ou com a mulher que amava. Não imaginava que ele mesmo poderia executar o castigo, ser o carrasco, mas que o castigo deveria ocorrer com quem o praticou, como uma vingança. Então pensou que ele poderia ser castigado, se não pagasse a dívida, era com seus queridos que a tortura aconteceria. Que prazer era esse que ele sentia no momento de maior horror? Horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia, fala Freud, que parte obscura é essa que dela nada sabemos, nós mesmos não conhecemos, não dominamos, não estamos lá quando ela acontece?

Certa vez, numa visita ao túmulo do pai, ele vira um animal que acreditou ser um rato, passando rapidamente. Imaginou que ele estivesse saindo do túmulo do pai, tendo acabado de fazer uma refeição em seu cadáver. É inseparável da idéia de que temos do rato o fato de que ele rói e morde com seus dentes afiados. Mas o rato não é mordaz, voraz e sujo impunemente; como o paciente constatara, horrorizado, ele é cruelmente perseguido e implacavelmente liquidado. Com freqüência tivera compaixão desses pobres ratos. E ele próprio fora um ser assim asqueroso, sujo, pequeno, que enraivecido podia morder e fora terrivelmente castigado por isso. Ele realmente podia ver no rato sua “imagem viva”. É como se o destino lhe lançasse, na história do capitão, uma “palavra-estímulo” de complexo, e ele não deixou de reagir a ela com a idéia obsessiva.(FREUD 2013.p77)



O temor que ele tem do outro, do fora, volta então contra si mesmo, é do outro que habita ele mesmo, o outrem, de quem ele tem medo. O rato é ele. É a parte dele que ele não conhece e se apavora. Seus desejos que se escondiam retornam, mas eles retornam transformados, distorcidos.

Karni Mata é um templo na Índia que foi construído em devoção a deusa Durga. Pessoas do mundo todo viajam até lá para receberem a dádiva de milhares de ratos passando pelos seus pés. Mais de 200.000 deles habitam o templo e não fazem questão de sair de lá. São bem alimentados. Os visitantes oferecem leite e doces para os roedores que compartilham suas bacias de prata com crianças. Nesse lugar eles não são vistos com asco mas pelo contrário, sacralizados. Acredita-se que sejam moradas de almas. Quando alguém morre sua alma passa um tempo pelo corpo do bichinho até reencarnar novamente. Palácio de mármore branco, lá eles são soberanos, nós que somos seus súditos. Nenhuma das mais de 55 doenças que os animais comumente teriam no contato com o humano foram encontradas lá. A contaminação é outra, ela é uma benção. O “homem dos ratos”, paciente de Freud, acabou identificando o rato consigo mesmo enquanto já fora uma criança e também mordida, ao lembrar num encontro da “Senhora dos Ratos”, percebeu que rato também podia significar criança.

A Senhora dos Ratos, personagem de Ibsen, certamente derivou do lendário Flautista de Hamelin, que primeiramente atrai os ratos para a água e depois arrebatou as crianças da cidade, para que nunca mais retornem. Também o pequeno Eyolf se joga na água sob o sortilégio da Senhora dos Ratos. Em geral o rato não aparece nas lendas como um animal asqueroso, e sim inquietante, um animal ctônico, pode-se dizer, sendo usado para representar a alma dos mortos. (FREUD 2013 p. 77)



A Mulher e o Rato

“Você me disse seu nome, eu lhe disse o meu. Vamos viver juntos, logo saberemos tudo sobre nós dois. Sobre nós mesmos” (Diálogo do filme A Erva do Rato de 2008 do brasileiro Julio Bressane)¹ Um homem (interpretado por Selton Mello) fala isso para uma mulher (Alessandra Negrini) logo após conhecê-la no início do filme. Eles não apenas são desconhecidos para o espectador como também um para o outro. Ele fala a ela que bastaria saber o nome, nome que nos permanece velado até o final. E o que carregam de nós os nomes? Talvez seja uma das poucas coisas que permanecem as mesmas, assinatura na identidade. Documento de identidade. O nome costura repetições, borda perdas. Cristaliza biografias. Ele especifica o que é o sujeito, e que não pode não ser, e não pode ser outro. E o que importa se não sabemos seus nomes, saberíamos mais deles se o soubéssemos? Assim como Édipo, o nome pode apontar um destino, mas pernas caminharão em direções diversas, mesmo que sem nome.

Eles encontram-se num antigo cemitério a beira mar. Cemitério acolhe nossos restos, ele é a própria ruína mesmo que sua estrutura esteja impecável. Ele é muros a céu aberto de uma terra da morte que contém os escombros, os restos do que já fomos. Ela desmaia ao sair do cemitério, é quando ele lhe socorre.

Ele era inválido, é por isso que eu o amava. Precisava de mim. Dependia de mim. Era como uma criança. Mas ele era mais que uma criança para mim. Era uma religião, meu próprio sopro. O ar que eu respirava era ele. Eu mataria por ele. Não, o amor, se ele existe é algo de muito real e profundo. (Diálogo do filme)

Ela cuidava de seu pai a vida inteira, agora aquele homem estava propondo cuidar dela, ajudá-la. Rapidamente estabeleceu-se um vínculo enquanto ela

¹ Filme livremente inspirado em dois contos de Machado de Assis, “Um esqueleto” e “A causa secreta”



começa a repetir o que fazia antes com seu pai, contava histórias e ela transcrevia. Ele lia, ela ouvia e escrevia. Talvez seja uma forma de retornar a pulsão que a princípio só iria, da fala, para os ouvidos que são nossos buracos sempre abertos. Ouvir, transcrever, ler de novo. E não é esse também uma satisfação do escritor? Ser lido, ser ouvido Ela escrevia rapidamente e logo acumulava pilhas e pilhas de cadernos encima da mesa. Ana Cristina Cesar:

Tenho uma folha branca
e limpa a minha espera:
mudo convite
Tenho uma cama branca
e limpa a minha espera:
mudo convite
Tenho uma vida branca
e limpa a minha espera.

Suas folhas eram brancas, recomeçavam a cada página, a cada caderno que se acabava qual eterno retorno. As histórias continham uma ambigüidade que, longe de criar conflito, coexistiam. Descrições como o gigante de duas cabeças que se forma na geografia do Rio de Janeiro, quanto dos venenos dos índios. Tucupi, que é o sumo da raiz da mandioca e o Bororé possuíam seu anti veneno, só a Erva do rato que não. Entediada de escrever e intrigada com a notícia a mulher decide pesquisar mais e ir além. Descobre então que a Erva do rato também tinha seu antídoto, e surpreendentemente ele se encontrava bem na raiz da própria planta:

Os índios chamavam Tangaroá, a mesma planta frutífera que os portugueses chamam Erva do rato e chamam assim, não sem razão, por ser dotada de singular faculdade destrutiva e mortal tanto para os homens quanto para ratos. Esta planta, é encontrada



em caminhos selvagens quase por toda a parte, é mortal como o arsênico. A tal potência de envenenamento, tanto das folhas, mas sobretudo das flores e sementes, que comidas, matam imediatamente. A própria raiz da planta moída é seu antídoto. A tal ponto a natureza infundiu na mesma planta o veneno e seu remédio. Acautele-te contudo de seu uso, tem um veneno presente. (Trecho do filme)

Uma palavra se faz reveladora da ambigüidade existente, *pharmakon*, palavra grega que significa tanto remédio quanto veneno, dependendo do uso, da dose, a mesma coisa pode te curar ou te matar.

O rato é um animal que vive na sujeira, se alimenta de dejetos. Deseja os restos que produzimos, que não consumimos e permanece como lixo. Labirinto no esgoto percorre canos secretos. Aparece na calada da noite quando já nos retiramos. Vem roer o que tiver de sobras de comida. Ser repugnante. Transmissor de doenças. Ele se assusta com a nossa presença, porque deveríamos temê-lo? Aparece quando não mais estamos para se nutrir com o que deixamos.

São três as espécies que desenvolveram habilidades geniosas para conviver conosco, habitar as cidades. A ratazana que vive pelos canos e nos esgotos, o rato do telhado e os camundongos que preferem lugares quentinhos e fechados como fornos e armários. Vivem escondidos de nós. O que eles vêm fazer nos nossos sonhos? Porque o enojamos tanto se é apenas um roedor. O filme do Bressane transgride a ótica tão popular sobre o rato tornando ele um ser desejante, que deseja uma mulher. Sem se contentar em roer a imagem da sua origem, fotografia do seu sexo relembrando a “Origem do mundo” de Gustave Coubert, pintura de 1866 o rato vai até o corpo da mulher para degustá-la por inteiro. Aí não sabemos mais o que é sonho e realidade. Porque ela não acorda. Ela goza, ela goza com o rato. Enquanto ela dorme, o animal entra lentamente, acaricia o corpo todo a excitando. Ela geme, se perde com o roedor dando-lhe prazer. O rato que não se



satisfez com a fotografia. Enquanto o homem irritado na sala prepara armadilhas para o animal, o rato no quarto, se satisfaz com sua mulher.

A questão de ter um rato escondido na casa e que só aparece a noite pode ser um paralelo com essa parte de nós que não vemos, que não dominamos. Ela sabe que tem um rato escondido, quando ele vem visitá-la a noite, não assusta, ele não aparece como numa tortura como poderia ser a cena do Encarnação do Demônio, filme de José Mojica Marins, de 2008, em que o rato entra na mulher e literalmente a devora por dentro. Pode-se falar de uma releitura das últimas cenas do Cento e vinte dias de Sodoma do Marquês de Sade No “Suplícios em suplemento” “Por meio de um cano, introduzem lhe um camundongo na cona; retiram o cano, costuram a cona, e o animal, não podendo sair, lhe devora as entranhas.” (SADE 2006. p 359). Mas Alessandra Negrini tem um picante e quente sonho erótico, o roedor lhe dá prazer, ele roça seu corpo no dela, seus pelos, o rabo. Ele sobe na cama e atravessa os lençóis de cetim passando por todo o corpo adormecido dela. Ele vai contornando toda ela, suas pernas, subindo pelo seu tronco, descendo do outro lado da costela dando a volta nas coxas, ela abre suas pernas e as dobra num V invertido, levantando assim os joelhos, dando espaço para o roedor passar por baixo e encontrar o prazer. O que ele vai fazer na sua origem? Rato lambe também ou só róí? Ele tem mãos como as nossas, como será que ele toca o clitóris. Ele deve pensar que a vagina é seu par de dança e fica roçando a barriguinha pelada nos grandes e pequenos lábios. Ele vai querer entrar no buraco, claro, primeiro ele penetra a cabeça pra ir abrindo espaço, depois vai entrando com o corpo como numa escavação de túnel dentro da terra. O rato aí, ele inteiro, é o falo.

A mulher goza com o rato. Ela cospe sangue depois, adoece e cai morta no chão. Talvez tenha sido contaminada pelo rato, ou talvez ele tivesse-a devorando inteira por dentro, lentamente. Ou o homem a envenenava dia após dia com seus chás. Não o sabemos. A noite depois do gozo é a primeira vez no filme que ela aparece de cabelo solto, ela toda mais solta, com mais cor, enrubescida.



Ela posa nua para o homem, fica de quatro na mesa, abre as pernas na banheira. Ele a fotografa compulsivamente. Depois o rato vai lá e rói as imagens, as fotografias. Ela é marcada pelo rato, aparece como uma queimadura a forma de um rato nas suas costas, como uma tatuagem, Lacan vai falar que a tatuagem é a exteriorização, encarnação de um órgão que é a libido:

Designar a libido não como um campo de forças, mas como um órgão. A libido é o órgão essencial para se compreender a natureza da pulsão. Esse órgão é irreal. Irreal não é de modo algum imaginário. O irreal se define por se articular ao real de um modo que nos escapa, e é justamente o que exige que sua representação seja mítica, como a fazemos. Mas, por ser irreal, isso não impede um órgão de se encarnar. Eu lhes dou já sua materialização. Uma das formas mais antigas de encarnar, no corpo, esse órgão irreal, é a tatuagem, a escarnificação. O entalhe tem muito bem a função de ser para o Outro, de lá situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros. E, ao mesmo tempo, ela tem, de maneira evidente, uma função erótica. (LACAN 1985, p.195)

Ver e ser visto, se fazer ver, a modelo vivo, quando posa para o artista ela está se fazendo ver, ela sabe que está sendo olhada lentamente, os mais sutis detalhes de seu corpo sendo registrados, durante horas e horas, se exhibe. Diferente do voyeur que espia escondido. Qual a satisfação da pulsão escópica nesse caso? Não só ver e ser visto mas se fazer ver, parar o corpo numa determinada posição sabendo que está sendo fotografada. Estátua viva de carne. Pintura encarnada.

Diferente da pulsão escópica é a oral, não só o prazer de degustar o sabor dos alimentos mas da devoração por si. Sucção, se fazer morder, sugar, o vampiro.



Venhamos à pulsão oral. O que é ela? Fala-se das fantasias de devoração, *se fazer papar*. Todo mundo sabe com efeito, está mesmo aí, confinando com todas as ressonâncias do masoquismo, o termo outrificado, da pulsão oral. Mas por que não colocar as coisas contra parede? Pois que nos referimos ao lactente e ao seio, e que o aleitamento, é a sucção, digamos que a pulsão oral é *se fazer chupar*, é o vampiro. (LACAN 1985, p.184)

Ele vai falar que não só o infante que chupa o seio da mãe quanto o seio suga o organismo dela. Para quem suga algo que está fora de si que precisa sugar, se apropriar. Vampiro de Jorge Mautner:

(Soy soldado revolucionario soy de aquellos de
caballería

Y me muere mi guapo en combate

Ay hombre, da-me una tequila! Me sigo en la
infantería)

Eu uso óculos escuros

Para as minhas lágrimas esconder

Quando você vem para o meu lado,

As lágrimas começam a correr

Sinto aquela coisa no meu peito

Sinto aquela grande confusão

Sei que eu sou um vampiro

Que nunca vai ter paz no coração

Às vezes eu fico pensando

Porque é que eu faço as coisas assim

E a noite de verão ela vai passando,

Com aquele seu cheiro louco de jasmim



E fico embriagado de você
E fico embriagado de paixão
No meu corpo o sangue já não corre,
Não, não, corre fogo e lava de vulcão
Eu fiz uma canção cantando
Todo o amor que eu tinha por você
Você ficava escutando impassível;
Eu cantando do teu lado a morrer
Ainda teve a cara de pau
De dizer naquele tom tão educado
«oh, pero que letra tan hermosa,
Que habla de un corazón apasionado!»
Por isso é que eu sou um vampiro
E com meu cavalo negro eu apronto
E vou sugando o sangue dos meninos
E das meninas que eu encontro
Por isso é bom não se aproximar
Muito perto dos meus olhos
Senão eu te dou uma mordida
Que deixa na tua carne aquela ferida
E na minha boca eu sinto
A saliva que já secou
De tanto esperar aquele beijo,
Aquele beijo que nunca chegou
Você é uma loucura em minha vida
Você é uma navalha para os meus olhos
Você é o estandarte da agonia
Que tem a lua e o sol do meio-dia.



Se fazer chupar, se fazer morder, se fazer sugar. Quando se deseja é o que se quer fazer com o outro, lambe, chupar, sugaríamos inteiro para não sair mais de nós se pudéssemos. Queremos nos apropriar, possuir. Degustamos o outro, cada pedaço do corpo, descobrimos cheiros diferentes, cheiros que nos entorpecem, sabores que queremos lambe, devorá-lo até com os dentes se for possível.

O homem pergunta para a mulher no filme “A Erva do rato” se está feliz, se não gostaria de algo para ela, um outro, um espectador. Ela fala que não, que está feliz e ele a satisfaz. Então ele mostra uma caixa e diz que tem um presente pra ela, pra ela escolher, a caixa aberta mas de costas para nós, não conseguimos descobrir o que tem dentro, ficamos imaginando se são tipos diferentes de vibrador. E quando nos é revelado, vemos desenhos de diferentes homens dentro da caixa. Ele corta um deles, coloca contra a luz e a sombra de um rosto aparece. “Agora temos um espectador!” o homem comemora. Ela deita para ele fotografá-la novamente. Seu corpo está quente, evapora. Numa metamorfose singular, a sombra do homem se transforma numa sombra de rato que vai percorrendo o corpo dela, que ferve. Seus lábios incham e brilham, ela geme, goza, ali, sabendo que está sendo olhada, desejada. Espectador, outro que observa, se fazer ver.

“O encarnado, que é pele e sangue, o encarnado seria como que a cor mesma do ser-olhado de um corpo, quando desejado.” (HUBERMAN. 2012 p. 86) A questão do desejo não é só descobrir o meu desejo, o que eu desejo, mas o que o outro deseja, o que posso fazer pelo desejo dele, o que ele deseja de mim e se ele me deseja. Posso ser eu o objeto do teu desejo? Lacan vai falar da perversão desse sujeito que se coloca como objeto “Freud se prende precisamente a que ele quer nos dar uma estrutura radical – na qual o sujeito ainda não está de modo algum colocado. Ao contrário, o que define a perversão é justamente o modo pelo qual o sujeito aí se coloca.”(LACAN 1985 p. 172) Sem mencionar o acéfalo de Georges Bataille, Lacan vai chamar o modo de manifestação da pulsão como um sujeito acéfalo, pois é no momento que não tem sujeito lá, por isso sem a cabeça, é o corpo de sensações, tensões, antes do pensamento sobre elas. Ali o sujeito é tomado por



outra coisa que não ele, ou seria ele mesmo sem saber que é ele. Algo que passa por ele, pelos seus buracos vazios, pela sua carne furada, aberta.

“A ruborização chega à pele (o sangue, vindo do fundo para a superfície) quando o olhar, como se diz, “perfura”, perfura a pele, deseja ir até os fundos.” (HUBERMAN. 2012 p.86). O corpo olhado, desejado, queima como febre. Seu corpo incha de sangue e os poros, que são tão pequenos buracos se abrem. O olhar quando permanece numa região que o agrada, ele fura, invade, quase como se pudesse desnudar. O olhar, a palavra, o desejo do outro, quando se dirige a nós é como se fizesse um furo na nossa carne. “O sentido de sua queixa era: que direito tinha o outro de atíçar seu desejo? É a partir desse abismo do Outro como Coisa que podemos compreender o que Lacan chama de “palavra fundadora.”” (ZIZEK. 2010.p.59)

Lacan vai falar da pulsão como o movimento do arco e flecha. Sai do sujeito, contorna o objeto de desejo e retorna. Talvez pudéssemos olhar para um pescador que joga sua rede também pensando no movimento da pulsão. Ele está de pé no barco de madeira azul e branco. Joga sua rede que se abre amplamente num sobrevoar caindo nas águas e envolvendo tudo o que contorna com o seu xadrez. Ela se fecha novamente quando o homem puxa. Ela volta para o barco, para ele, que não sabe se o que o espera é peixe ou uma bota velha. Às vezes não tem nada lá. Ai ele rema um pouco mais e tenta em outro lugar. A rede, quando cai, ela forma círculos, como ecos de sua intrusão. Fantasio. O que sei do meu próprio desejo. Onde me localizo no teu desejo?

Como podemos enfrentar esse encontro perigoso com o desejo do Outro? Para Lacan, a fantasia fornece uma resposta para o enigma do desejo do Outro. A primeira coisa a observar acerca da fantasia é que ela nos ensina literalmente como desejar: fantasia não significa que quando desejo uma torta de morango e não posso tê-la na realidade eu fantasio que a estou comendo, o



problema é antes: pra começar, como sei que desejo uma torta de morango? (ZIZEK. 2010 p.61)

BIBLIOGRAFIA

Didi-Huberman, Georges. **A Pintura Encarnada seguido de A Obra Prima Desconhecida de Honoré de Balzac**. Tradução de Oswaldo Fontes Filho e Leila de Aguiar Costa. São Paulo. Escuta. 2012

Freud, Sigmund. **Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos"), Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**. Tradução Paulo César de Souza- primeira edição. São Paulo, Companhia das Letras: 2013.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar:1985

Sade, Marquês. **Os 120 dias de Sodoma, ou, A Escola da Libertinagem**. Tradução e notas Alain François. São Paulo, Iluminuras: 2006.

Zizek, Slavoj. **Como ler Lacan**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Zahar: 2010.